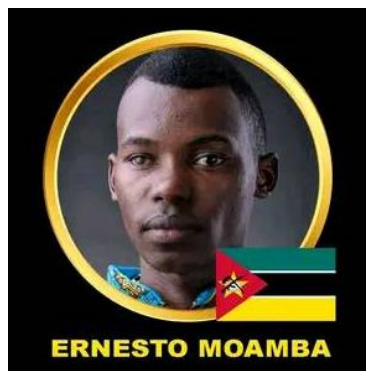


ENTREVISTA COM ERNESTO MOAMBA

Flavio García



Ernesto Moamba nasceu em 4 de agosto de 1994 na Cidade de Maputo, capital de Moçambique. Sua obra vem sendo publicada em diferentes media, tanto em seu país, quanto no estrangeiro. Moamba é membro fundador da Academia Mundial de Cultura e Literatura (AMCL), ocupando a Cadeira 21, cujo patrono é Cruz e Souza, e membro fundador e presidente do Círculo Acadêmico de Letras e Artes de Moçambique (Sede – Cidade de Maputo). Tem sido agraciado com premiações em vários concursos pelo mundo afora. No universo da literatura infantojuvenil, publicou *A Rainha Jendai* (2021) e *O abecedário que finge ser mudo* (2022).

P.: Como Ernesto Moamba, na condição de escritor, definiria o que seja a literatura infantil?

R.: Para mim não existe uma definição exacta sobre Literatura Infantil... isto é, cada escritor desenrola de acordo com os objetivos de sua escrita e do seu alcance. Mas já que me foi colocada a questão, posso dar uma resposta que considero aproximada. Penso que a Literatura Infantil, mais do que um gênero que se considera para pequenos, é uma escrita dirigida ao público em geral, seja de adultos ou crianças, mas que seja construída de elementos linguísticos acessíveis a todos os seres humanos quando se trata de leitura e interpretação.

P.: Na visão de Ernesto Moamba, a que público leitor se destina a literatura infantil?

R.: Está Literatura em especial destina-se exclusivamente a todos os leitores independentemente da idade, embora haja declínio para os menores devido à sua simplicidade na criação. É isto que toda gente ligada às Letras devia pensar. Acho que é hora de fazer-se ruptura deste conceito.

P.: Para que público leitor Ernesto Moamba escreve?

R.: Sempre acreditei que a minha escrita fosse para todos os leitores sem exceção. E ainda estou convencido deste

princípio. Esta questão depende muito das ferramentas linguísticas que cada autor adopta. No meu caso, considero que toda a minha produção é acessível para todos partindo da própria simplicidade dos textos contidos em meus livros. Nunca me interessei em vocábulos ou verbos desconhecidos até um certo nível, mas sim em produzir textos que sejam produto do meu pensamento ou reflexão... Diria, em forma de provocação, que escrevo para as nossas mães nos mercados, nossos pais nas machambas e nossas crianças nas ruas, porque a minha escrita é a voz do povo africano, da mãe África esquecida.

P.: Na opinião do escritor Ernesto Moamba, a literatura infantil tem compromissos com o ensino, pensando-se a instituição da escola como seu lugar?

R.: Obviamente... Acredito numa Educação acompanhada de livros. Só para ver: Brasil e Portugal têm um projecto que muito admiro e morro de ciúmes, que é o Plano Nacional de Leitura. Que seria uma boa estratégia para se implementar nas Escolas ao nível de Moçambique para curar a nossa gente da doença de falta de leitura e de gosto pelo livro. E digo mais, a que se apostar na inserção e educação dos nossos filhos na base dos livros produzidos pelos escritores locais.

P.: E, tendo ou não compromissos com o ensino, Ernesto Moamba considera que a literatura infantil intervém na Educação, em sentido amplo, envolvendo seja a escola, seja mesmo a família?

R.: Seria injusto caso não apoiasse a ideia de se envolver a literatura nos centros educacionais. É sabido que para além da escola existe um instituto importante na formação dos leitores – a família. E aproveitava o momento para convidar os pais a fazer uma reflexão profunda sobre a questão de incentivar as crianças a gostar dos livros a partir de casa, e não só, também ao governo para ajudar os escritores na formação do público leitor por meio de um plano de leitura.

P.: Parece estar assente que Angelina Neves seja a matriarca da literatura infantil em Moçambique. Ernesto Moamba comunga dessa aceitação?

R.: Sim, não duvido que seja. A Angelina Neves é uma das escritoras em vida que ainda dá luz a literatura infantil em Moçambique. Tivemos ainda a Fátima Langa (a avozinha) que Deus a tenha. Mas esta última que também fez muito pela Literatura Infantil parece estar em esquecimento, infelizmente. São duas mulheres que considero pilares deste gênero, que por sorte fazem parte da minha vida como escritor.

P.: A obra de Angelina Neves, sem demérito de valor, em sentido amplo, tem pouca literariedade, prestando-se mais, ao que se percebe, ao ensino. Como Ernesto Moamba vê essa questão?

R.: Não sou a pessoa certa para discutir questões técnicas ligadas às construções da literatura. Mas acredito que cada autor produz um texto com certo objectivo a alcançar. E é necessário que haja diferença para que se note a diversidade neste ramo.

P.: O seu livro *O abecedário que finge ser mudo* apresenta um excelente cuidado gráfico-editorial, a despertar, na condição de objeto-livro, demasiado prazer. Contudo, de certa forma, a história nele contada se aproxima muito de algumas das histórias dos livros da Angelina Neves. Ernesto Moamba diria que seu livro, igualmente aos de Angelina Neves, presta-se especialmente à educação, ao ensino?

R.: Vou basear somente no meu projecto *O abecedário que finge ser mudo*. Uma narrativa que considero completamente envolvente, que ao ler, faz-nos preambular pelo passado, presente e que vai ao encontro do futuro para nos conduzir às inúmeras divergências que a nossa sociedade nos reflete no meio em que

habitamos. Como autor digo que é um livro necessário e importante para se ler nos momentos actuais.

P.: Ernesto Moamba acredita que esse viés perceptível em sua obra e na de Angelina Neves seja o caminho da literatura infantil moçambicana?

R.: Todo escritor escreve com objectivo de fazer conhecer a dimensão da sua escrita. O resto fica na responsabilidade de quem nos lê. Em particular não escrevo para mim, mas sim para os leitores. Por isso quem tem autonomia de nos classificar são eles e mais nenhum.

P.: Quais os projetos do escritor Ernesto Moamba a partir de *O abecedário que finge ser mudo*?

R.: Já estou a dar continuidade ao processo de apresentação dos livros às Escolas Primárias e Secundárias distribuídas no nosso belo Moçambique. Faço este projecto de forma diferente, uma vez que muitos autores limitam-se em trabalhar na cidade. Em particular estou a levar a minha Literatura às zonas mais recônditas, nos campos e nos distritos. Que são pontos que a comunidade não tem acesso direito ao livro, muito menos às bibliotecas para lerem. Então, este é um dos meus objectivos com este e outros livros infantis produzidos por mim.

P.: Ernesto Moamba vê que haja políticas, com financiamento público ou privado, de publicação de livros para crianças em Moçambique?

R.: Que questão mais interessante. Ficaria muito mais feliz se recebesse de uma instituição local.

A literatura em Moçambique não tem nenhum suporte, confesso. São poucas casas culturais que se identificam com as Letras. Os autores locais estão em meio às dificuldades referentes às publicações dos seus originais. Esperamos que haja mais iniciativas iguais porque agora estão no silêncio.

P.: Na opinião de Ernesto Moamba, em que estágio se encontra, neste momento (2022), passados quase 50 anos da independência (1975), a literatura em Moçambique e, em especial, a literatura infantil?

R.: Considero que a literatura infantil moçambicana ainda é um gênero pouco explorado e que carece de ferramentas para sua escultura como deve ser. E não gostava de falar da “Independência” porque isto para mim ainda não se fez sentir. São várias questões por se discutir. Mas, apesar desse deserto, os poucos escritores pioneiros estão a fazer alguma coisa. Isso é importante!

P.: O que Ernesto Moamba diria a outros novos escritores?

R.: Que para alcançar vossos objetivos dependam somente da vossa entrega e determinação. Nunca confiar aos terceiros, enfim.

Não existem impossíveis para ser escritor. É questão de trabalhar com foco.

P.: Haveria algo que Ernesto Moamba gostava de dizer aos escritores mais velhos?

R.: Queria apelar sinceramente aos nossos embondeiros da literatura moçambicana em especial para olharem os novos escritores como sementes do amanhã e não como seus inimigos. A literatura é feita de gente e palavras e não armas de ódio e inveja. Se queremos ver a nossa Literatura no auge, devemos estar unidos e trabalhar como formigueiros, sem exceção.

P.: Por fim, emoldurando a conversa no cenário mais amplo da CPLP, como Ernesto Moamba vê o mercado editorial nos demais países que a compõem, em diálogo entre si, para além de Moçambique?

R.: Não sei se é por ser escritor moçambicano com oportunidades de ser editado no exterior. Mas olhando para a realidade do nosso país, digo com todas as palavras que os países da CPLP estão em progresso. É

certo que nem todos estão satisfeitos, mas o trabalho é árduo.

P.: O que Ernesto Moamba gostaria de externar que não lhe tenha sido perguntado?

R.: Primeiro agradecer a curadoria pela oportunidade e convite. Dizer que nem sempre temos a aceitação de divulgar o trabalho além das fronteiras.

Para os que apreciam a minha escrita, os livros estão disponíveis nas lojas online de Amazon.

E, por fim, agradeço a Deus pela sabedoria, a minha Editora Fundza (Beira, Moçambique) pela edição especial e a todos os leitores pelo apoio na minha carreira. Obrigado!

Flavio García

Pós-Doutor pela Universidade de Lisboa (ULisboa, 2022), pela Universidade de Coimbra (UCoimbra, 2016), pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2012), pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 2008).

Professor titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Bolsista PROCiÊNCIA (UERJ/FAPERJ – Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro).

Líder do grupo de pesquisa “Nós do Insólito: vertentes da ficção, da teoria e da crítica”, certificado pela UERJ junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

E-mail: flavgarc@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4242057381476599>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0761-8092>.